



COMPANHIA DAS LETRAS

DUBLINENSES

JAMES JOYCE nasceu em Dublin, em 2 de fevereiro de 1882. Era o mais velho dos dez filhos de uma família que, após uma breve prosperidade, caiu na pobreza. No entanto, foi educado nas melhores escolas jesuítas e depois no University College de Dublin. Em 1902, depois de se formar, mudou-se para Paris, por pensar que lá poderia estudar medicina. Porém logo acabou por assistir a aulas e por devotar-se à escrita de poemas e rascunhos e à elaboração de um “sistema estético”. Chamado de volta a Dublin em abril de 1903, devido a uma doença fatal de sua mãe, ele rumou gradualmente para a carreira literária. No verão de 1904, conheceu uma jovem de Galway, Nora Barnacle, e convenceu-a a ir com ele para o continente, onde planejava lecionar inglês. O jovem casal passou alguns meses em Pola (hoje na Croácia); depois, em 1905, mudou-se para Trieste, onde, exceto por sete meses em Roma e por três viagens a Dublin, eles viveram até junho de 1915. Tiveram dois filhos, um menino e uma menina. O primeiro livro de Joyce, os poemas de *Música de câmara*, foi publicado em Londres, em 1907; e *Dublinenses*, um livro de contos, em 1914. Com a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial, Joyce viu-se obrigado a se mudar para Zurique, onde permaneceu até 1919. Nesse período, publicou *Um retrato do artista quando jovem* (1916) e *Exilados* (1918), uma peça. Depois de um breve retorno a Trieste após o armistício, Joyce decidiu mudar-se para Paris a fim de ter mais facilidade na publicação de *Ulysses*, um livro em que estivera trabalhando desde 1914. Na verdade, o livro foi publicado no seu aniversário, em Paris, em 1922, e deu-lhe fama internacional. No mesmo ano, ele começou a trabalhar em *Finnegans Wake*; e, apesar de estar muito perturbado com problemas num olho e profundamente abalado pela doença mental de sua filha, completou o livro e o publicou em 1939. Depois do começo da Segunda Guerra Mundial, ele foi morar na França ainda não ocupada e en-

tão conseguiu uma permissão, em dezembro de 1940, para retornar a Zurique, onde morreu em 13 janeiro de 1941. Foi enterrado no cemitério Fluntern.

CAETANO W. GALINDO nasceu em 1973 em Curitiba, onde mora com sua mulher. É professor da Universidade Federal do Paraná. Entre outras obras, traduziu *Os mortos*, *Finn's Hotel* e *Ulysses*, de James Joyce. Escreveu *Sim, eu digo sim*, um guia de leitura do *Ulysses*. É pai de uma filha e de alguns textos acadêmicos sobre tradução, teoria do romance e sobre a obra de James Joyce.

JAMES JOYCE
Dublinenses

Tradução, notas e cronologia de
CAETANO W. GALINDO



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da tradução e das notas © 2018 by Caetano W. Galindo

Copyright da tradução de “O velho vigia” © 2018 by

Vitor Elevato do Amaral

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Dubliners

PREPARAÇÃO

Ana Cecília Agua de Melo

CRONOLOGIA

Caetano W. Galindo

REVISÃO

Fernando Nuno

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Joyce, James, 1882-1941.

Dublinenses / James Joyce ; tradução, notas e cronologia de Caetano W. Galindo. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

Título original: Dubliners.

ISBN 978-85-8285-077-0

1. Contos irlandeses 1. Galindo, Caetano W. II. Título.

18-18906

CDD-Ir823

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura irlandesa Ir823

Maria Paula C. Riyuzo — Bibliotecária — CRB 8/7639

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Nota do tradutor

7

DUBLINENSES

As irmãs	13
Um encontro	24
Arábias	35
Eveline	43
Depois da corrida	50
Dois galantes	58
A casa de pensão	72
Uma pequena nuvem	82
Duplicatas	100
Barro	115
Um caso doloroso	124
Dia de hera na sala do comitê	137
Uma mãe	159
Graça	175
Os mortos	204
<i>Apêndice</i>	259
O velho vigia — Berkeley Campbell	
<i>Cronologia</i>	267
<i>Sugestões de leitura</i>	275

Nota do tradutor

Dublinenses é, de certa forma, o livro mais *seguro* de Joyce, aquele que provavelmente está mais próximo dos cânones da alta literatura de seu tempo. E, nesse sentido, talvez seja o livro mais perfeito de sua obra em prosa.

A maior glória de seus romances posteriores pode estar justamente no que eles têm de “imperfeição”, de arestas e de aparas. Mesmo assim, é incrível ler nestes contos a versão acabada, econômica, praticamente *irretocável* de Joyce, especialmente se levarmos em conta que, apesar de o livro só ter sido publicado em 1914 (depois de uma verdadeira batalha que envolveu recusas, ameaças, livros queimados), seus contos foram na maioria escritos entre 1904 e meados de 1906. Ou seja, quando o autor tinha entre 22 e 24 anos.

Não conheço outro exemplo de um escritor tão jovem e tão maduro. Ele escreveu “Eveline”, um lindo exercício de habitar o outro e de viver outra consciência, ainda antes de completar 23 anos. O único texto de 1907 aqui é “Os mortos”, no qual Joyce parece ter atingido o ponto mais alto dessa sua prosa “convencional”. Foi o único conto a que o romancista russo Vladimir Nabokov deu uma nota A+ em suas aulas de análise literária. E não sem razão.

É nesse conto também que fica mais aparente no livro o elemento biográfico que sempre caracterizou a literatura de Joyce, pois a história que fornece o clímax à nar-

rativa surge do choque que o autor sofreu ao descobrir algo que não sabia do passado de sua esposa, Nora. Mas a vida de Joyce também ilumina a situação de Chandler em “Uma pequena nuvem”, escrito logo depois do nascimento de seu primeiro filho; ou o dilema de Doran em “A casa de pensão”, já que Nora era camareira de um hotel quando eles se conheceram; além de ter sido uma queda do próprio Joyce, depois de uma bebedeira, o que inspirou a cena de abertura de “Graça”.

As notas que elaborei para este volume, no entanto, tentam não entrar no domínio da “interpretação”, nem no da biografia. Escolhemos anotar apenas o que não fosse facilmente elucidável de outra maneira: especialmente dados da cultura da época, da geografia dublinense e da história irlandesa. Por exemplo, a confissão protestante de certa instituição ou pessoa representa, às vezes, a chave para o desprezo na católica Dublin, que na época ainda estava sob o domínio da Inglaterra anglicana. Registrar, por outro lado, todas as pessoas e locais “reais” poderia ser excessivo num livro cuja publicação foi sendo adiada justamente pelo que o meio literário de então julgava ser uma presença “exagerada” (e talvez juridicamente complicada) de pessoas, dados, cenas e elementos da realidade.

Outra questão complexa se refere ao dinheiro. Primeiro porque, antes da decimalização de 1971, a moeda britânica era dividida de maneira nada clara para nós, sendo que uma libra equivalia a vinte xelins e um xelim, a doze pence.

As moedas ainda podiam ter nomes específicos. Assim, a de uma libra se chamava *soberano* e uma *coroa* valia cinco xelins. Sem contar que o singular de pence é *pêni*, e que um *guinéu* vale 21 xelins, sendo uma espécie de *libra generosa* e, portanto, de pretensões aristocráticas.

Ainda mais complexo é o problema de determinar correspondências de valores. Como bem sabem os economistas, apenas acrescentar a inflação pode gerar graves

distorções, e comparar o poder de compra nem sempre é possível, já que a escassez ou o prestígio de determinados itens podem variar com o tempo, alterando também seu valor monetário. Quando necessário, especialmente nos contos em que esse dado é central para a leitura (como em “Arábias”), tento dar uma correspondência estimada, possível, em valores em reais de 2018.

Especificamente quanto à tradução, tenho que registrar primeiro a imensa dívida que eu, como qualquer tradutor de *Dublinenses*, tenho para com o livro *Joyce Annotated*, de Don Gifford, fonte principal para estas notas, junto com recursos mais novos e também interessantes como o *Digital Dubliners*, de Joseph Nugent, e outros textos mencionados nas “Sugestões de leitura”.

No que se refere a questões linguísticas, vale comentar que especialmente os diálogos do livro estão cheios de marcas “regionais” dublinenses que, claro, se perdem como tais em tradução. Mas a tentativa de marcar essa oralidade e sua singularidade pode também gerar certo estranhamento no texto em português. Em alguns momentos, também (especialmente em “Dia de hera na sala do comitê”, em que o nacionalismo é mais tematizado), optamos por manter as palavras pronunciadas em irlandês (ou gaélico), a língua céltica nativa da Irlanda que, na virada para o século xx, começava a ter seu uso novamente incentivado.

Dublinenses é ainda a apresentação de mais de trinta personagens (registrados aqui nas notas) que veremos de novo no *Ulysses*, de modo que, depois da edição anotada de *Um retrato do artista quando jovem* e da publicação do guia de leitura *Sim, eu digo sim*, este livro agora conclui, quinze anos depois, o projeto de apresentar ao leitor brasileiro a maneira mais completa de acessar o maior romance do século xx.

E concluir com um *bônus*.

Se no *Ulysses* tive a colaboração de Paulo Henriques

Britto e, no *Retrato*, contei com a revisão de Cristian Clemente, quem releu os contos e deu inestimáveis sugestões neste livro foi Vitor Alevato do Amaral, que além de tudo assina a tradução de “O velho vigia”, de Berkeley Campbell, conto que encerra o volume. Vitor pescou da fortuna crítica joyciana a referência ao conto que acabou servindo de mote para a escrita de “As irmãs” e que, apresentado aqui, permite que o leitor conheça mais um pouco do método de reelaboração e apropriação de Joyce.

Agradeço, assim, na pessoa do Vitor, a todos que ajudaram nessa década e meia de um *projeto Ulysses*, que só pôde ter o tamanho que tem por incluir gente maior do que eu, colegas tradutores, preparadores, revisores e o grande editor André Conti.

Vamos ao projeto *Finnegans Wake*.

Quanto a você, Go n-éirí an bothar leat.
Que tua estrada seja boa.
E muito obrigado.

Dublinenses

As irmãs*

Ele já não tinha chance: era o terceiro derrame. Noites a fio eu passei pela casa (era tempo de férias) e examinei o quadrado iluminado da janela: e noites a fio eu o vi iluminado da mesma maneira, tênue e regularmente. Se estivesse morto, pensei, eu veria o reflexo das velas na persiana escurecida porque eu sabia que se devia pôr duas velas na cabeceira de um morto. Ele tinha me dito muitas vezes: *Logo não vou mais ser deste mundo*, e eu tinha achado que era bobagem. Agora sabia que era verdade. Toda noite quando ficava fitando a janela eu me dizia baixinho a palavra “paralisia”**. Ela sempre me soou estranha, como a palavra “gnômon” no Euclides e a palavra “simonia” no Catequismo. Mas agora me soava como o nome de algum ser malévolos e pecaminoso. Ela me enchia de medo, e mesmo assim eu queria me aproximar mais e contemplar seus efeitos fatais.

O velho Cotter estava sentado diante da lareira, fumando, quando eu desci para jantar. Enquanto a tia servia o meu cozido ele disse, como quem retoma um comentário anterior:

— Não, eu não diria que ele era exatamente... mas ti-

* Tanto freiras quanto enfermeiras são chamadas de “sisters” na Irlanda.

** A palavra podia ser usada como eufemismo para a fase final da sífilis.

nha algum desvio... tinha alguma coisa esquisita nele. Eu vou te dizer o que eu acho...

Começou a chupar o cachimbo, sem dúvida arrumando as opiniões na cabeça. Velho bobo e chato! Assim de cara ele era bem interessante, falando de cabeças* e de serpentinas; mas eu logo cansei dele e daquelas estórias sobre a destilaria, que não acabavam mais.

— Eu tenho aqui a minha teoria — ele disse. — Eu acho que ele era um desses... casos peculiares**... Mas é difícil dizer...

Começou a chupar de novo o cachimbo sem dizer qual era a teoria. O meu tio me viu encarando e me disse:

— Bom, então o chato é que o teu amigo foi-se embora.

— Quem? — eu disse.

— O padre Flynn.

— Ele morreu?

— O sr. Cotter aqui acabou de contar pra gente. Ele passou ali pela casa.

Eu sabia que estava sendo observado, então continuei comendo como se a notícia não tivesse interesse. O tio explicou ao velho Cotter.

— O menino e ele eram bem chegados. O velhote ensinou bastante coisa pra ele, ah mas ensinou; e dizem que queria muito bem o guri.

— Deus tenha piedade da alma dele — disse a tia, pia.

O velho Cotter me olhou um tempo. Eu sentia que aqueles olhinhos pretos estavam me examinando mas não ia lhe dar o gostinho de desviar o rosto do prato. Ele voltou ao cachimbo e finalmente cuspiu grossoiro na grade.

— Eu não ia querer que algum filho meu — ele disse — ficasse de muita conversa com um homem daquele tipo.

— Como assim, sr. Cotter? — perguntou a tia.

— Como assim — disse o sr. Cotter — é que faz mal

* Primeira fração, desprezada, da destilação.

** Ele não foi excomungado, mas está fora da Igreja.

pros meninos. A minha ideia é a seguinte: deixa os guris correrem por aí e brincarem com os guris da idade deles e não ficar... Eu não estou certo, Jack?

— É o meu princípio, também — disse o tio. — Ele que aprenda a se defender. É o que eu vivo dizendo aí pra esse rosa-cruz: faça exercício. Ora, quando eu era menininho todo santo dia de manhã eu tomava um banho frio, inverno ou verão. E é isso que me dá força hoje. Isso de educação é muito bom e tudo... O sr. Cotter pode querer um pedacinho daquele pernil de carneiro — ele acrescentou para a tia.

— Não, não, pra mim não — disse o velho Cotter.

A tia trouxe o prato da arca e largou na mesa.

— Mas por que o senhor acha que não presta pras crianças? — ela perguntou.

— Não presta — disse o sr. Cotter — porque a cabecinha delas é impressionável demais. Quando uma criança vê uma coisa dessas, a senhora sabe, tem um efeito...

Entupi a boca de mingau de medo de dar voz à minha raiva. Chato imbecil do nariz vermelho!

Era tarde quando eu peguei no sono. Apesar de estar com raiva do velho Cotter por se referir a mim como uma criança eu fiquei revirando a cabeça para extrair algum sentido daquelas frases entrecortadas. No escuro do quarto imaginei que estava vendo de novo o rosto cinza e pesado do paralítico. Puxei os cobertores para cima da cabeça e tentei pensar no Natal. Mas o rosto cinza ainda me seguia. E murmurava; e eu entendi que ele desejava confessar alguma coisa. Sentia a minha alma se recolher a alguma região gostosa e má; e lá mais uma vez ele estava me esperando. Começou a se confessar comigo numa voz murmurante e eu fiquei pensando por que o rosto sorria continuamente e por que os lábios estavam tão úmidos de saliva. Mas aí lembrei que ele tinha morrido de paralisia e senti que eu também estava sorrindo bem de leve como que para absolver o simoníaco do seu pecado.

Na manhã seguinte depois do café eu fui dar uma olhada na casinha da Great Britain Street. Era uma lojinha discreta, registrada com o vago nome de *Armarinho*. O armário consistia basicamente de galochas de criança e guarda-chuvas; e em dias normais ficava uma placa na janela, que dizia: *Recobrimos guarda-chuvas*. Agora não se viam placas pois as persianas estavam baixadas. Um buquê de luto estava atado à maçaneta com fita. Duas mulheres pobres e um mensageiro de telegrama liam o cartão preso ao crepe. Eu também me aproximei e li:

Primeiro de julho, 1895

Rev. James Flynn (anteriormente da igreja de Sta. Catarina, Meath Street),
sessenta e cinco anos de idade.

Descanse em Paz

Ler o cartão me convenceu de que ele estava morto, e foi incômodo perceber que eu estava sem rumo. Se ele não estivesse morto eu teria subido até o quartinho escuro atrás da loja para encontrá-lo sentado na sua poltrona junto da lareira, quase sufocado pelo casaco. Talvez eu chegasse com um pacote de High Toast que a tia mandou para ele e esse presente o fizesse sair daquele sono pasmado. Era sempre eu quem esvaziava o pacotinho na caixa de rapé porque as mãos lhe tremiam demais para ele fazer isso sem derramar metade pelo chão. Mesmo quando ele erguia a mão enorme e trêmula até o nariz umas nuvenzinhas de fumo escorriam por entre os seus dedos e caíam no peito do casaco. Podem ter sido essas chuvas constantes de rapé que deram às suas antigas roupas sacerdotais aquela aparência verde desbotada, pois o lenço vermelho, preto, como sempre, por causa de manchas de rapé de uma semana, com que ele tentava varrer os grãos caídos, era praticamente inútil.

Eu queria entrar e dar uma olhada nele, mas não tinha

coragem de bater. Fui me afastando pelo lado da rua que estava no sol, lendo todos os anúncios teatrais nas vitrines enquanto andava. Achei estranho que nem eu nem o dia parecíamos estar de luto e me senti até irritado por descobrir em mim uma sensação de liberdade como se a morte dele tivesse me libertado de alguma coisa. Fiquei espantado com isso porque, como o tio tinha dito na noite anterior, ele tinha me ensinado muito. Tinha estudado no colégio irlandês em Roma* e me ensinado a pronunciar latim direito. Tinha me contado histórias das catacumbas e de Napoleão Bonaparte, e me explicado o significado das diversas cerimônias da Missa e das diferentes vestes que o padre usa. Às vezes ele se divertia me fazendo perguntas difíceis, perguntando o que a gente devia fazer em certas circunstâncias ou se esse ou aquele pecado era mortal ou venial ou só uma imperfeição. As perguntas dele me mostravam o quanto eram complexas e misteriosas certas instituições da Igreja que eu sempre tinha considerado serem os atos mais simples. Os deveres do padre para com a Eucaristia e para com o segredo do confessorário me pareciam tão sérios que me espantava que alguém tivesse achado em si a coragem de enfrentá-los; e eu não me surpreendi quando ele me disse que os pais da Igreja tinham escrito livros da grossura do *Diretório postal* e com uma letra tão miudinha quanto a dos anúncios jurídicos no jornal, para elucidar todas aquelas questões complicadas. Muitas vezes quando pensava nisso eu não conseguia achar nenhuma resposta ou só uma bem boba e hesitante, quando então ele sorria e fazia que sim com a cabeça duas ou três vezes. Às vezes ele me fazia repetir os responsórios da Missa, que tinha me feito decorar; e, enquanto eu titubeava, ficava sorrindo pensativo e fazendo que sim, vez por outra metendo imensas pitadas de rapé nas narinas, uma de cada vez. Quando sorria

* O que significa que se acreditava muito no seu potencial.

ele revelava uns dentes enormes e descoloridos e deixava a língua apoiada no lábio inferior — um costume que me deixou incomodado nos primeiros tempos antes de eu o conhecer melhor.

Andando ali sob o sol eu lembrei as palavras do velho Cotter e tentei lembrar o que tinha acontecido depois, no sonho. Lembrei que tinha percebido umas cortinas compridas de veludo e uma luminária antiquada que balançava. Parecia que eu tinha estado bem longe, em alguma terra com costumes estranhos — na Pérsia, eu achava... mas não conseguia lembrar o fim do sonho.

À tardinha a minha tia me levou com ela para visitar a casa enlutada. Foi depois do pôr do sol; mas os vidros das casas que davam para o oeste refletiam o ouro velho de uma imensa barragem de nuvens. Nannie nos recebeu no átrio; e, como não teria ficado bem gritar com ela, a minha tia lhe apertou a mão e só. A velha apontou para cima com ar interrogativo e, depois de um aceno da minha tia, foi subindo laboriosamente a escadinha estreita à nossa frente, com a cabeça baixa mal ficando acima do nível do corrimão. No primeiro patamar ela parou e fez sinal para nos encorajar a seguir até a porta aberta do quarto do morto. Minha tia entrou e a velha, ao ver que eu hesitava, começou a me fazer repetidos sinais com a mão, chamando.

Fui na pontinha dos pés. O quarto pela franja rendada da cortininha se afundava em uma densa luz dourada em meio à qual as velas lembravam vagas chamas finas. Ele estava no caixão. Nannie foi a primeira e nós três nos ajoelhamos ao pé da cama. Eu fingi que estava rezando mas não conseguia pôr a cabeça em ordem porque o resmungo da velha me distraía. Percebi como a saia dela estava enganchada toda torta ali atrás e que os saltos dos dois pés das suas botas estavam gastos só de um lado. E me veio a ideia de que o padre velho estava ali no caixão sorrindo.

Mas não. Quando levantamos e fomos até a cabeceira da cama eu vi que ele não estava sorrindo. Estava ali, solene e copioso, trajado como que para o altar, mãos imensas frouxamente segurando um cálice. Tinha o rosto muito truculento, cinza e gigante, com negras narinas cavernosas e cercado de rala penugem branca. Havia um cheiro pesado no quarto — as flores.

Fizemos o sinal da cruz e saímos. Na salinha do térreo encontramos Eliza sentada na poltrona dele em toda a sua glória. Fui tateando até a minha cadeira de sempre no canto enquanto Nannie foi até o aparador e pegou um decantador de xerez e umas taças de vinho. Largou essas coisas na mesa e nos convidou a tomar um copinho. Então, quando a irmã pediu, ela serviu o xerez nos copos e os passou para nós. Ela me disse para aceitar umas bolas-chinhas salgadas também mas eu declinei porque achei que ia fazer barulho demais comendo. Ela pareceu um pouco desapontada com a minha recusa e foi silenciosamente até o sofá onde sentou atrás da irmã. Ninguém falou: nós todos ficamos olhando a lareira vazia.

A tia esperou até Eliza suspirar e aí disse:

— Enfim, ele foi pra um lugar melhor.

Eliza suspirou de novo e curvou a cabeça, concordando. A tia correu os dedos pelo pé da taça antes de tomar um golinho.

— E ele... em paz? — ela perguntou.

— Ah, foi bem tranquilo, dona — disse Eliza. — Não deu nem pra saber quando foi que ele parou de respirar. Foi uma morte linda, graças a Deus.

— E tudo...?

— O padre O'Rourke veio falar com ele na terça e deu a unção e preparou e tudo mais.

— Então ele já sabia?

— Ele tinha aceitado.

— Parece mesmo, de olhar pra ele — disse a tia.

— A mulher que a gente chamou pra lavar o corpo

disse bem isso mesmo. Ela disse que parecia que ele estava era dormindo, de tão tranquilo, que ele tinha aceitado. Ninguém podia imaginar que ele ia dar um defunto tão bonito.

— Verdade mesmo — disse a tia.

Ela tomou outro golinho da taça e disse:

— Bom, srtá. Flynn, mas pelo menos deve ser um alívio saber que vocês fizeram tudo que podiam por ele. Você-s duas foram muito boas com ele, foram de verdade.

Eliza alisou o vestido nas pernas.

— Ah, coitadinho do James! — ela disse. — Deus bem sabe que a gente fez o que podia, assim com a nossa pobreza; a gente não deixou faltar nada pra ele enquanto ele estava daquele jeito.

Nannie encostou a cabeça na almofada do sofá e parecia prestes a cair no sono.

— Olha a coitada da Nannie — disse Eliza, olhando para ela —, ela está um trapo. O trabalho que deu, pra ela e pra mim, chamar a mulher pra lavar o corpo e aí ajeitar na cama e aí o caixão e aí marcar a missa na capela. Não fosse o padre O'Rourke eu nem sei o que a gente ia ter feito da vida. Foi ele que trouxe esse monte de flor e aqueles dois candelabros lá da capela e escreveu a notícia pro *Freeman's General** e cuidou de toda a papelada do cemitério e do seguro do coitadinho do James.

— Coisa mais simpática, não é? — disse a minha tia.

Eliza fechou os olhos e sacudiu a cabeça devagar.

— Ah, amigo bom é sempre o das antigas — ela disse —, no fim das contas, os que dão confiança.

— Verdade, isso mesmo — disse a minha tia. — E eu tenho certeza que agora que ele foi receber a recompensa eterna ele não vai esquecer de vocês e dessa bondade toda com ele.

* *O Freeman's Journal and National Press*, citado em outros contos e também no *Ulysses*.

— Ah, coitado do James! — disse Eliza. — Ele nem dava trabalho. Ele não fazia mais barulho do que está fazendo agora aqui em casa. Ainda assim, eu sei que ele não volta mais e tal e tudo...

— Quando acabar tudo é que vocês vão sentir saudade — disse a minha tia.

— Eu sei — disse Eliza. — Eu não vou mais ficar levando o caldinho de carne pra ele, nem a senhora vai ficar mandando o rapé. Ah, coitadinho do James!

Ela parou, como se estivesse revivendo o passado, e aí disse mordaz:

— Mas veja bem, eu percebi que tinha alguma coisa esquisita com ele nos últimos tempos. Toda vez que eu chegava com a sopinha dele, ele estava ali com o breviário largado no chão, afundado na poltrona e de boca aberta.

Ela encostou um dedo no nariz e cerrou o cenho: então prosseguiu:

— Só que mesmo assim ele ficava dizendo que antes de acabar o verão ele ia dar uma volta quando desse um dia bonito só pra ver a nossa casa velha de novo onde a gente nasceu, todo mundo, lá em Irishtown,* e que ia levar eu e a Nannie com ele. Era só a gente conseguir arrumar uma dessas carroagens que andaram inventando, que não fazem barulho, que o padre O'Rourke disse pra ele que agora tem por aí — essas com as rodas reumáticas — baratinha por um dia só, ele dizia, lá no Johnny Rush** e aí ir os três juntos num domingo de tarde. Ele tinha encasquetado com isso... Coitado do James!

— Que o Senhor tenha piedade da alma dele! — disse a minha tia.

Eliza pegou o lencinho e enxugou os olhos com ele. Então ela o guardou de novo no bolso e ficou um tempo olhando a grade vazia sem falar.

* Dado que marca as origens muito humildes da família.

** Locador de carros e coches.

— Ele sempre foi detalhista demais — ela disse. — Os deveres do sacerdócio foi demais pra ele. E aí tem isso que a vida dele foi, assim... enviesada.

— Pois é — disse a minha tia. — Era um homem desapontado. Dava pra ver.

Um silêncio tomou conta da salinha e, protegido por ele, eu me aproximei da mesa e provei meu xerez e aí voltei quietinho para a minha cadeira no canto. Eliza parecia ter caído numa profunda contemplação. Nós esperamos respeitosamente ela romper o silêncio: e depois de uma longa pausa ela disse devagar:

— Foi aquele cálice que ele quebrou... foi ali que começou. Claro, eles dizem que tudo bem, que não tinha nada ali dentro,* quer dizer. Mas ainda assim... Dizem que foi culpa do menino. Mas o coitado do James estava tão nervoso, que Deus tenha misericórdia dele!

— E foi isso mesmo? — disse a minha tia. — Eu ouvi dizer...

Eliza fez que sim.

— Afetou a cabeça dele — ela disse. — Depois disso ele foi ficando cabisbaixo, sem falar com ninguém e andando à toa sozinho. Aí uma vez precisaram dele pra ir atender uma pessoa de noite e ninguém encontrou ele. Procuraram por tudo mesmo; e nem pra ver sinal dele. Aí então o funcionário disse pra eles tentarem na capela. Aí então eles pegaram a chave e abriram a capela e o padre O'Rourke e um outro padre lá que estava com eles trouxeram uma lanterna pra procurar... e não é que ele estava bem ali mesmo, sentado sozinho no escuro dentro do confessionário dele, bem acordadinho e meio que rindo, baixinho?

Ela parou de repente como quem escuta. Eu também tentei ouvir; mas não havia sons na casa: e eu soube que

* Simplificação da questão teológica que sustenta que, nesse caso, apenas a “aparência” do vinho seria derramada, e não o sangue consagrado.

o velho padre ainda estava lá deitado no caixão como quando a gente foi ver, solene e truculento na morte, cálice à toa sobre o peito.

Eliza recomeçou:

— Bem acordadinho e meio que rindo... Aí então claro que quando eles viram aquilo, aquilo fez eles pensarem que tinha alguma coisa errada com ele...